

A magia segreda-me ao ouvido

Quando tinha três dias de idade, a magia veio ter comigo na ponta dos pés, tomou-me nas suas mãos grandes e calosas e murmurou-me ao ouvido orações orvalhadas com odor a coentros. Eram sussurros em castelhano na sua maioria, mas condimentados com frases de som gutural numa língua que, quando tinha cinco anos, me foi revelada como sendo a falada por Jesus e os seus apóstolos.

Quando fecho os olhos – agora, vinte e um anos mais tarde –, a intimidade daquelas palavras provoca-me arrepios. E apercebo-me de que uma parte de mim continua a ouvir as vozes quentes e amortecidas da minha infância, mesmo quando só há silêncio à minha volta.

A feiticeira que me pegava com as suas grandes mãos parecia-me um ser poderoso e gigantesco. Mas na realidade era uma curandeira de cinquenta e um anos, de vulto frágil e ossudo, muito coxa e com espessas cicatrizes roxas nos pés, tão horríveis de se ver que me faziam chorar quando olhava para elas. Com doze anos, eu já era mais alto do que ela.

A avó Flor.

Tínhamos acabado de regressar do meu batismo na igreja da aldeia, e ela pôs-se a mascar folhas de coentros, num esforço para manter a compostura. Ao longo de toda a cerimónia permanecera de pé junto à porta da entrada, passando os dedos pela gola de pele do casaco de inverno, desejando não sentir o coração tão apertado pelo medo.

Penso muitas vezes que ela nunca se sentia confortável na companhia de outros adultos, e que nós – as crianças do mundo – éramos o seu refúgio.

Adonai era um nome dado a Deus no Antigo Testamento e uma das poucas palavras que a minha avó sabia na língua da Bíblia. Nas orações que me segredou ao ouvido naquele dia, arrastou lentamente as suas três sílabas. «Para manter aquela figura doce e fugidia do Senhor na minha boca por mais uns momentos», dizia-me, sempre que voltava a contar-me aquela história.

Depois de a avó Flor ter invocado Adonai para abençoar a cerimónia que estava prestes a iniciar, encostou os lábios à minha barriga e soprou ruidosamente, para me fazer rir; a seguir, baixou-se e depositou-me no nosso velho tapete de pele de ovelha, e a luz alaranjada da lareira envolveu-me no seu calor reconfortante.

Seria possível que eu me lembrasse mesmo do calor da nossa lareira? Parecia muito pouco provável para um bebé recém-nascido, e, no entanto, tudo o que aconteceu naquela manhã desfila perante os meus olhos como uma série de imagens e diálogos vívidos, sem dúvida porque a avó Flor me contou tantas vezes, e com risadas tão exultantes, a forma como conseguiu anular a conjuração que o padre da aldeia tinha lançado sobre mim.

Às vezes parece-me injusto que as nossas memórias mais antigas sejam levadas por experiências posteriores para os lugares onde irão ficar definitivamente depositadas – neste caso, pela violência e crueldade que mais tarde viria a dividir a nossa aldeia. E, contudo, há alturas em que achamos que somos as criaturas com mais sorte do mundo, por podermos viajar na nossa mente até muito além das regras da lógica.

A avó Flor dispôs quatro candeias de barro cheias de azeite à minha volta. Tinham a forma de dragões alados e, quando estendi o braço para a mais pequena – um dragão de olhos grandes, ovais e cor de fogo –, ela agarrou-me rapidamente na mão e voltou a pô-la sobre a minha barriga. «Não arranjes sarilhos, Golondrino!», ordenou.

Isaaque era o nome que me haviam dado, mas a minha avó já tinha começado a chamar-me Golondrino, palavra com que designava uma andorinha bebé, por eu ser pequeno e frágil, e ela intuir já que me iria perder na minha própria imaginação.

«Não pesa quase nada, mas já tem asas», disse ela à minha mãe, para explicar a lógica por trás da alcunha que me dera.

O dragão com os olhos de opala cor de fogo sempre foi a minha candeia preferida entre todas as que a avó tinha. E viria a ser o último presente que alguma vez receberia dela.

Nestes últimos tempos, tenho visto em sonhos esse animal mítico a voar disparado na minha direção, vindo de uma caverna de luz situada bem alto num céu trovejante e cinzento de xisto, e sei que a intenção dele é levar-me de volta para as rudes montanhas de densas e brumosas florestas do Nordeste de Portugal, e o meu coração começa a bater desordenadamente com uma saudade tão desesperada que acordo encharcado em suor, o exílio a revolver o seu punhal ferrugento nas minhas entranhas.

Será que a avó Flor mo deu por saber que o nosso tempo juntos estava a chegar ao fim, e essa tenha sido a única maneira que descobriu para me proteger? Talvez tivesse tido uma premonição sobre a morte súbita que a esperava, e soubesse que eu teria de me servir de toda a sua magia para resgatar o mal que ela ia cometer?

Pão quente molhado em azeite e salpicado de tomilho fresco... Flores de limoeiro, sopa de castanhas e rosas cor de rubi e casca de pinheiro... O que mais depressa me leva às lágrimas são as fragrâncias e os odores da infância – dos dias de alegria e entusiasmo banhados de sol, antes de o mundo crescer, e eu também.

Depois de acender os pavios das candeias com um pauzinho incandescente que tirou da lareira, espalhou as fitas de fumo que dela saíam por cima da minha cabeça, com solenes gestos em círculo. Depois levantou-se e pronunciou um aviso severo e ostentoso às forças do mal, primeiro virada para leste, depois para norte e sul, e finalmente para oeste. Devo ter começado a agitar-me, porque a avó me lançou um rápido olhar furioso, que me reduziu a um silêncio espantado.

Flor sorria-me sempre com gratidão quando me contava como eu respeitava prontamente os seus estados de espírito quando era bebé, e como lhe era dedicado. Qual a velhota que não deseje ser para uma criança o sol que se ergue no horizonte?

A avó virou-se de costas para mim, baixou a cabeça e – como se tivesse recebido uma notícia devastadora – desatou a chorar. Cerca de um minuto depois, enxugou os olhos, tirou o amuleto de pergaminho que me colocara à volta do pescoço quando nasci – que representava

um rapaz com um peixe mágico na mão – e atou-o ao seu próprio pulso. Pegou depois numa garrafa de barro preto pousada sobre a fiada de azulejos que rematava a lareira, e a seguir puxou-me para o colo dela. Tirou-lhe a rolha e verteu algumas gotas da poção fragrante sobre a minha testa e o ventre.

A minha mãe, exausta mas exultante, estava no quarto, com a porta fechada e sentada no tripé que colocara junto à janela para poder receber confortavelmente as felicitações dos vizinhos que passavam pela estreita ruela, chamada Rua da Cadeia devido à pequena prisão situada a cerca de cinquenta passos a leste da nossa porta de entrada. A avó Flor tinha-lhe dado instruções para não assistir à cerimónia a que ia proceder comigo; queria que a nora pudesse jurar perante qualquer meirinho, magistrado ou membro da Igreja que eventualmente a interrogasse que não vira nem ouvira o ritual que se desenrolara em casa nessa manhã.

«Nega sempre que sabes seja o que for sobre as mezinhas que te aplico quando estamos a sós!», lembrava a avó Flor à minha mãe, sempre que pressentia que um estranho ou aldeão a tivesse entrevistado a curar um membro da família ou um cliente. Ao meu pai, não precisava de dizer nada. Era filho dela e, portanto, conhecia as regras desde pequeno.

Os meus pais e a minha avó não me contaram nada sobre as origens e obrigações da nossa família durante os meus primeiros dez anos de vida, receando que eu revelasse alguma coisa a um vizinho de pouca confiança, ou mesmo a um estranho que estivesse de passagem por Castelo Rodrigo. Na verdade, só comecei a pensar que havia teias de padrões secretos que se escondiam sob a nossa vida quotidiana aos quatro ou cinco anos. Perguntei então aos meus pais por que razão trancavam a porta e fechavam as portadas das janelas antes das ceias de sexta à noite, ao que o meu pai respondeu que todo aquele segredo era necessário porque as nossas orações perderiam o poder de nos proteger durante a semana seguinte se fossem ouvidas ou vistas por alguém de fora da nossa família.

E foi assim que soube que as nossas noites de sexta-feira eram tão secretas quanto frágeis.

Neste ponto da narrativa, os leitores portugueses ou espanhóis gostariam provavelmente que eu respondesse à pergunta seguinte: Mas nunca tinhas ouvido um vizinho ou amigo referir-se a ti ou aos teus pais como *cristãos-novos*? De facto, tinha, e desde muito pequeno sabia

que a maioria dos outros quatrocentos residentes de Castelo Rodrigo era aquilo a que os restantes habitantes da aldeia chamavam cristãos-velhos. Mas, quando interoguei a minha mãe sobre a diferença entre os dois, ela garantiu-me que aquelas designações não tinham qualquer importância. «A palavra *novos* neste caso significa apenas que os nossos avós vieram para Portugal recentemente», explicou, e num tom tão alegre que nunca tive a menor dúvida sobre isso. «*Cristãos*, como já deves ter percebido, significa apenas *peessoas*. Por isso, qualquer um que diga que tu, eu ou o teu pai somos cristãos-novos quer simplesmente dizer que chegámos há pouco tempo a esta aldeia.»

Uma, duas, três... As gotas perfumadas da poção da avó Flor iam-me caindo uma a uma na cabeça, como se tentassem entrar nos meus pensamentos. Aquele líquido espesso e dourado era azeite misturado com jasmim, meimendo, murta, mandrágora, mirra, sumagre e um pó amarelo-claro que ela obtinha moendo as flores secas de uma trepadeira exótica cujo nome se recusava a revelar, visto ser a chave da eficácia dessa receita. Flor vivera na cidade castelhana de Salamanca, que ficava a vários dias de viagem da nossa aldeia, e entre os habitantes do bairro onde habitava – perto da catedral – era conhecida por esta mistura curativa que aliviara o sofrimento de familiares, vizinhos e amigos atacados por furúnculos, febres, crupe, cólicas, flebites, queimaduras, estrangúria e toda a espécie de doenças e desgraças. Mas só as mães e os pais em que ela confiava mais é que sabiam que também a usava para impedir que os recém-nascidos mergulhassem de cabeça na desgraça moral.

A minha avó tinha um cesto de verga com os remédios mais importantes em nossa casa, para não ter de os trazer consigo de cada vez que nos vinha visitar.

Ao fim de algum tempo, as gotas que caíam sobre mim devem ter-me parecido uma espécie de jogo e desatei a dar risadinhas, o que fez a minha avó dar também uma alegre gargalhada.

«Hah!»

As gargalhadas trovejantes da avó Flor... Nos últimos dois anos, desde que fugi de Portugal, o seu riso irreprimível tem-me acordado dos meus devaneios. E quando isso acontece, sobressalto-me sempre, como se ela me tivesse invocado para remediar tudo o que ainda conseguisse.

Alegria e tristeza... Estarão tão entrelaçadas dentro de si como dentro de mim, caro leitor? Talvez seja uma característica única daqueles seres amaldiçoados que nunca podem regressar à sua terra natal.

Depois de Flor ter pousado o frasco, esfregou o óleo que me escorria da testa sobre o resto do meu corpo, mesmo entre as pernas e no sexo.

«Eu te desbatizo, filho de Abraão e Moisés», entoou ela, «em nome dos anjos Miguel, Gabriel e Rafael.»

Em castelhano, a invocação foi: «*Yo te desbautizo, hijo de Abraham y Moses, en el nombre de los angeles Miguel, Gabriel y Rafael.*»

Ficará o leitor surpreendido se lhe disser que ao longo das centenas e centenas de dias que passámos juntos durante a minha infância nem uma única vez perguntei à avó Flor porque era necessário que o meu batismo fosse anulado? Não era necessário; quando chegou o momento de ultrapassar a minha timidez natural e lhe poderia ter perguntado, já a tinha ouvido segredar a resposta a uma vizinha que tinha acabado de dar à luz o seu segundo filho:

«O batismo é a maneira de os padres aprisionarem a nossa alma. E a única forma de anular os seus efeitos é com um feitiço ainda mais poderoso.»

Com o tempo, também já me habituara à sua amarga expressão de desprezo pelas cerimónias da igreja. Na verdade, certa vez em que bebera um pouco para lá da conta do nosso vinho caseiro, explicou-me que o mundo estava a ser devastado de uma ponta à outra por uma guerra entre o Bem e o Mal que se propagara aos Reinos Superiores de Deus, e todos os padres, bispos, cardeais e papas lutavam do lado do Mal, mesmo sem consciência disso. Embora ela considerasse o padre da nossa aldeia, o padre Daniel, um ser fundamentalmente bondoso, por vezes mesmo divertido e brincalhão, explicou-me que ele não sabia nada sobre a verdadeira oração, as mezinhas, as crianças, Deus ou qualquer outra coisa que tivesse importância.

Flor também acreditava que as mulheres – que têm de passar pela menstruação e os partos – compreendiam a vida de uma forma que um padre jamais poderia compreender. No que toca às artes da cura, nunca confiava num homem, salvo no seu grande amigo Samuel Rodrigues, que era também o boticário da aldeia. Considerava um sinal da degradação da nossa época histórica o facto de as mulheres, que criavam e

aplicavam infusões, poções e destilações com poderes curativos, serem geralmente encaradas com desconfiança, e muitas vezes vilipendiadas como *bruxas*, só sendo consultadas em último recurso.

Seria a avó Flor também uma bruxa?

Às vezes, os meus pequenos companheiros de brincadeira arrelivavam-me, afirmando que sim, mas ela sempre me tranquilizou, garantindo-me que se tratava de uma mera calúnia fomentada pelos invejosos da aldeia. Referia-se a si própria como uma *saludadora*, termo castelhano de uma grandeza silábica e poética que infelizmente se perde um pouco na tradução para português – curandeira.

Tinha eu seis anos de idade quando perguntei ao padre Daniel se alguma vez tinha conhecido uma bruxa, ao que ele respondeu: «Claro que sim!» E deixou-me uma impressão de funesto terror quando me agarrou nas mãos e as pôs em posição de quem reza, acrescentando: «Se formos corajosos o suficiente para continuarmos a olhar para mulher que suspeitamos de tal perversidade, e se pedirmos a Cristo que nos dê olhos que vejam, por vezes conseguimos distinguir a sua figura deformada, e talvez mesmo vislumbrar o príncipe do Mal por trás dela a trocar de nós.»

Apresso-me a esclarecer que o padre nunca pronunciava o nome do Diabo – Satanás – fora de uma igreja, porque sustentava que isso o atrairia para nós.

Sei que os católicos crentes não encaram o batismo como uma forma de feitiçaria ou bruxedo, mas que mais se poderá chamar a uma cerimónia que usa água benta para retirar os pecados e garantir-nos a vida eterna? A avó Flor considerava que desfazer tais feitiços e encantamentos era a sua especialidade, e também a sua contribuição mais importante para a guerra entre o Bem e o Mal.

À medida que me desbatizava, a avó Flor sorria com os olhos cheios de lágrimas, porque, ao fazer aquilo, procedia a um dos rituais que davam um propósito à sua vida. Em seguida, deslizou com as pontas dos dedos até àquele ponto suave da nuca sob o qual se diz que se entrelaçam as três partes da alma. Enquanto exercia uma pressão leve, entoou um cântico destinado a reacender as faíscas divinas que tinham sido extintas quando me salpicaram a cabeça com água benta, e em seguida repetiu o gesto mais seis vezes, visto serem sete os níveis do Céu.

Nefesh, Ruach e Neshama... Quando ela tinha treze anos, o pai de Flor ensinara-lhe aqueles nomes sagrados correspondentes às três partes da alma, e a avó pronunciava-as num sussurro furtivo enquanto pensava no muito que devia àquele homem bem-amado.

Depois de ter a certeza de que me tinha removido completamente a mancha do batismo, a minha avó cantou-me uma canção sobre a rainha Ester, e a forma como salvara os israelitas exilados na Pérsia de uma morte certa. O coro entoava num crescendo: *«Vivas tú y viva yo y vivan todos los judíos, viva la reina Ester que tanto placer nos dió...»*

«Vivas tu, e viva eu, e vivam todos os judeus, e viva a rainha Ester que tanta felicidade nos deu...»

E foi assim que comecei a acreditar que, para conseguir dar mesmo resultado, a magia deve ser acompanhada de uma música para dança, e do caloroso e envolvente afeto de uma avó.